

Jazz/Crítica

Milton, uma decepção na noite de Raul e Duke



Milton esfriou a platéia, que tinha vibrado com George Duke e sua banda.

JOÃO MARCOS COELHO

Não existe receita para uma boa 'jam session'. Pela própria ausência total de regras, esta experimentação coletiva de músicos que nunca tocaram juntos pode desembocar em música excelente ou caos completo. Assim se explica a frustrada tentativa de 'jam session' no final da quarta noite do I Festival Internacional de Jazz de São Paulo: embora todos demonstrassem bastante garra e vontade, o fato é que faltou um líder natural que conduzisse — exatamente como Milt Jackson fizera na noite anterior.

Assim, de nada adiantaram os esforços organizadores de Raul de Souza e Milton Nascimento. A banda, naquela altura, se constituiu de José Roberto, Wagner Tiso e George Duke (todos nos teclados), Toninho Horta (guitarra), Novelli (baixo), Mamão e Jim Capaldi (bateria), além de Danilo Caymmi (flauta) e Frank Rosolino. E o que se viu foi o caos: ninguém se entendia. Raulzinho quis por ordem na casa e abusou dos solos, Rosolino esforçou-se para ouvir o baixo colado em Novelli, para soprar algo, etc. etc. Isoladamente, porém, os conjuntos de Raulzinho, George Duke e Milton compuseram o show mais frenético deste Festival.

Talvez o clima final pudesse ter mudado radicalmente, pois parece que houve erro de previsão quanto à ordem de entrada dos músicos. Sem desmerecer nunca a importância e significação de Milton, o show deveria ter começado com ele, esquentado — em termos de aumento de decibéis — com Raulzinho, e explodido com George Duke.

Como esta não foi a sequência real, criou-se uma espécie de antilixam: o público, já aplaudira de pé as ótimas performances dos trombonistas, dançou pra valer no estuário de estuário de Duke e seus comandados e quando Milton entrou, houve um restrição na temperatura ambiente.

Aliás, o próprio Milton começou num pique altíssimo, exibindo-se muito descontraído, para aos poucos decair, em estado de espírito. Não custa contar que os portões do Anhembi foram abertos no intervalo que antecedeu sua entrada. E alguns calcularam em mais de 4.000 pessoas o número de presentes ao Palácio das Convenções em menores espaços tomados, e se fez um silêncio absolutamente respeitoso diante da arte e da voz, originalíssimas de Milton. O conjunto que o acompanhou reviveu, de certo modo, o Som Imaginário de outros tempos, com Wagner Tiso, Toninho Horta, Novelli, Robertinho Silva, acrescidos de José Roberto Bertrame, Dani Caymmi e Mamão — embora os músicos sejam todos de primelíssima linha, o som global acabou deixando um pouco a desejar.

O clima de festa total aconteceu mesmo com o grupo de George Duke — um tecladista que já tocou com muita gente boa do Jazz e também com o Mothers of Invention de Frank Zappa, além de Airo e Flora Purim. Sua participação foi meticulosamente planejada — até um crioulo se encarregou de anunciar a palavra Duke pelo menos umas cinco vezes. A parafênalia de sintetizadores, órgão e piano elétricos por ele utilizados com muita competência bastariam para justificar sua vinda como, por exemplo, no longo blues que atacou sozinho.

O público se incendiou, entretanto, com o recado de seu som: uma percussionista, bateria, baixo, guitarra, duas cantoras e um cantor (com 99% de crioulos). O resultado foi devastador, pelo menos no gênero. Muita conversa com a platéia, ritmos delirantes, e inclusive um magnífico improviso da percussionista nas tumbadoras.

Sua música atual opera uma mistura perfeita de jazz, blues, rock, completados por uma mise-en-scène realmente impressio-

nante. Há em suas performances um sentido de espetáculo, de show biz, que cutuca o mais indiferente dos que as assistem. Aliás, assistir não é a palavra certa. Mais correto seria dizer "participar", pois essa música feita de blues e parafênalia eletrônica mexe com o corpo das pessoas.

Deixei Raulzinho para o fim de propósito: o que ele está tocando tanto no trombone de vara quanto em sua invenção, o souzabone, é absolutamente extraordinário. E a consagração que a platéia lhe dispensou foi amplamente merecida.

Ele começou tocando no estilo do memorável sexteto Bossa Rio de Sérgio Mendes, cujo disco de 1962 marcou época na MPB (conjunto do qual, aliás, participou). A cozinha piano-baixo-bateria, formada por músicos paulistas, proporcionou perfeito background para a destreza, inventividade e força de toque de Raul Rosolino, apesar de competetíssimo no trombone — pertencendo à banda de Stan Kenton nos anos 50 —, foi engolido pelo anfitrião. De fato, Raul parecia um leão no palco: em sua primeira apresentação ao público brasileiro depois de nove anos de ausência, estava disposto a massacar qualquer oponente.

Mas atenção: o incrível som exibido em "Stellaby Starlight" e principalmente "Corcovado" é rigorosamente o mesmo que Raulzinho cansou de tentar mostrar quando tentava sobreviver por aqui. Me contaram que Elis Regina, em entrevista ao Canal 2 num dos intervalos, foi agressiva: "Agora mau! Musiquinho está aplaudindo e delirando com Raulzinho. Mas, antes, quando ele estava pastando no Brasil, ninguém lhe dava valor. Infelizmente, é mais um que precisa ir aos EUA para voltar consagrado".

Elis falou curto e grosso — mas foi corretíssima em suas palavras. O que ela não disse, e que ficou cristalino quinta-feira, é que o instrumentista brasileiro sofre na carne os sintomas de uma cultura e de um País inteiramente colonizado pela mentalidade americana. Assim, só com o aval da matriz se consegue sucesso. Raulzinho parece ter muita consciência disso, pois quando agradece os aplausos, falava "muito obrigado" com um indistarcável sotaque americano.

A segunda parte de seu show foi com sua L. A. Band, quando ele mostrou seu som atual. Duas cantoras, bateria, teclados e baixo compõem um produto perfeitamente consumível no mercado americano. Talvez pela formação muito próxima da de Sérgio Mendes. Mas o fato é que Raulzinho criou um "sound" comestível por amplas platéias — inclusive a brasileira, que tem comprado em grande quantidade seu disco "Sweet Lucy". Foi com esta música que ele encerrou sua participação, com uma recepção fantástica da platéia. Afinal, todo domingo, o "Fantástico" da Globo utiliza o início de "Sweet Lucy" como prefixo da apresentação dos gols da rodada. Corria no Hotel Eldorado, concentração dos músicos, organizadores e jornalistas que estão cobrindo este Festival, que Raulzinho iria processar a Globo por uso de sua música sem o respectivo pagamento dos direitos.

Apesar de ter garantido a sobrevivência com uma embalagem altamente vendável (o conjunto), e por isso muito diluída, Raulzinho escolheu um caminho interessante: o conjunto, banal, apenas escora suas incriáveis improvisações. E o souzabone que inventou — uma espécie de combinação entre trombone de válvula e de vara — é um instrumento de som mais brilhante que o trombone e também dotado de agilidade bem maior.

O programa de hoje é o seguinte: Quarteto de Victor Assis Brasil; Taj Mahal e grupo; e Sexteto de Stan Getz. O Zimbo Trio foi encaixado como penúltima atração para hoje.



Frank Rosolino foi obscurecido por Raul de Souza, muito criativo nos improvisos.



Um novo cinema quer nascer em Salvador

JAIRO FERREIRA
Enviado especial

Salvador — Desde os primeiros dias desta 7ª Jornada do Curta-metragem, que termina hoje aqui em Salvador, alguma coisa pairava no ar e ninguém sabia o que era. Os racionalistas, evidentemente, fizeram tudo para descartar essa situação, apelando-se numa velha argumentação discursiva que já não explica mais nada. Temendo a inteligência e a informação de primeiro grau, procuraram marginalizar o cinema de invenção, executando o que chamo de voo rasante na cultura, ou seja, tentando canalizar tudo e todos em função de uma questão irritante, óbvia, redundante e já insuportável: a discussão em torno da conquista do mercado para o cinema brasileiro. Felizmente, essa boçalidade foi ofuscada pelo chamado astral baiano, e, daqui para a frente, se quiserem continuar falando em mercado terão que ver a realidade com os olhos, porque esta jornada do pavor assinalou definitivamente a falência da velha ótica.

Panfletos de efeito subliminar e de humor exemplar começaram a ser distribuídos durante os debates, durante a exibição dos filmes e durante os simpósios de retórica intragável. O primeiro panfleto dizia: "O megalomaniaco neo-cinema novíssimo está passando para os anais da história. Segure o seu". O segundo panfleto era mais explícito, mas também não foi levado a sério: "Atenção: indios, cangaceiros, fanáticos, intelectuais, prostitutas, cafetões, psiquiatras, esquizofrênicos, parafrênicos, paranóicos, cinefilos, malabaristas, palhaços, comedores de vidro, ninfas, masoquistas, mães, brejeiros, modernistas, mazelados, cultores brasileiros, cineastas, imprensa em geral, historiadores e antropólogos de 1.º contubo: o megalomaniaco neo-cinema novíssimo vai emergir!".

Um dia atrás de outro, com a exibição de 66 (sessenta e seis) curtas-metragens, uma espécie de agonia cosmologia estava minando a disposição da platéia numerosa que foi assistir aos filmes na sala do Instituto Cultural Brasil-Alemanha. De uma forma geral, o nível dos filmes estava tão baixo que nem sequer a imprensa baiana dedicou-lhes espaço, limitando-se a comentar "Tentáculos", "Mar de Rosas" e "Se Segura Malandro", que estão em cartaz aqui. Eu mesmo estava arrependido de ter vindo cobrir esta jornada tétrica, mas resolvi ficar até o fim por dois motivos: primeiro por ser um profissional e inquietado; segundo porque acreditava, no final, alguma coisa realmente muito importante iria acontecer, algo que pudesse redimir essa espantosa manifestação de mediocridade mercadológica.

Éis o panfleto número três: "Atualidade da terra. Alô! Alô! Imprensa brasileira e autoridades psiquiátricas. Eles continuam agindo sob o pretexto de estarem filmando a história tupiniquim. São antropólogos de 1.º contubo e vivem pichando a nossa cultura. Se nenhuma atitude de desagravo for tomada, o megalomaniaco neo-cinema novíssimo vai emergir! Segure o seu". E, finalmente, no dia da exibição de "Atualidade da Terra", dos jovens cineastas baianos Marcos Sérgio e Virgílio, ambos estudantes com 21 anos de idade, o último panfleto circulou num clima de inquietação: "Aviso se seu problema é: impotência, dor de dente, cólicas menstruais, marasma, doenças venéreas, fome, má digestão, mudez, paralisia, resfriado, troca de óleo, seriedade, vista cansada, monotonia, surdez, pé chato, chato, ostracismo, intelectualidade vã, chifres e diversos outros males da cabeça, experimente 'Megalomania', e lembre-se que graças a ela muitas pessoas se tornaram cineastas e reis. Uma colaboração do megalomaniaco neo-cinema novíssimo no intuito de fazer ressurgir a nossa verdadeira cultura".

Uma vez completado o círculo panfletário, a tristeza que estava sendo a tônica da Jornada se transformou numa retumbante manifestação de alegria. Ventos de uma futura pátria cinematográfica começaram a soprar em Salvador. Eram oito horas da noite de uma quinta-feira histórica e uma

chuva violenta refrescou a cidade. O astral estava mudando; a chuva fez com que as pessoas ficassem mais próximas uma das outras, as energias se concentraram e uma espécie de círculo mágico ficou perfeitamente delineado. A sala de exibição nunca esteve tão cheia. O diretor da Jornada, Guido Araújo, foi muito feliz em deixar o melhor filme para o último dia e minutos antes da exibição de "Atualidade da Terra", uma fauna alegre e curiosa invadiu a sala: um anão sem um dos braços, montado em enormes pernas de pau, anunciava pelo megafone que o neo-cinema novíssimo estava emergindo, dezenas de meninas pulavam e cantavam festivamente, o espetáculo circense e o "happy pening" tomaram conta da sala e envolveram a todos num clima de alegria rara.

O espetáculo pirotécnico durou apenas alguns minutos e, ato contínuo, teve início a projeção de "Atualidade da Terra", com um jogo de futebol ao som de um conhecido hino baiano cantado por Gilberto Gil. A seguir, um bombardeio de imagens rápidas: o universo baiano transformado em capital do cinema mundial pela abordagem megalomaniaca do filme. Trata-se de um "trailer" em Super 8, anunciando a realização de um filme em 16 milímetros chamado "Antropofagia Erótica". A locução é radiofônica, como no "Bandido da Luz Vermelha", de Rogério Sganzerla: "Depois de 'O Enterro do Celúlide', eles voltam a atacar. Mais dinâmicos, mais jovens". E a seguir entra a música: "Nós somos jovens, jovens, jovens". Não há nenhuma referência ao filme de Glauber Rocha "A Idade da Terra", mas apenas uma mistura de homenagem e crítica à sua megalomania e também à megalomania brasileira em geral. Cinemão, Mercadão e vai por aí adiante. Tudo isso avulso, plenamente pelos realizadores que estão mobilizando multidões para assistir às próximas filmagens em São Cristóvão.

Durante os debates, o astral continuou mudando. O coordenador, Iberê Cavalcanti, pediu para desligar o ar condicionado que estava transmitindo mais fluídos à platéia. Os cineastas trocaram o palco pela platéia e tudo ficou uma coisa só. A essas alturas, José Celso Martinez Correa esboçou a sua primeira impressão:

"Essa concentração de energias é da maior importância. Agora nós estamos chegando perto de alguma coisa que deveria ter acontecido desde o início da Jornada, mas só agora está pintando. Salvador é uma Rodésia cercada de brancos por todos os lados. O que não me agrada é essa postura 'punk' desses garotos. Há uma certa juventude que nasce velha, porque neo-oloniada. A antropofagia está comendo tudo, inclusive a economia do País. Por isso eu prefiro falar numa antropofagia política". Um rápido discurso logo rebatido pelo cineasta Marcos Sérgio:

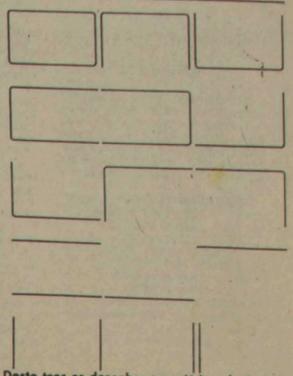
"A antropofagia erótica é um fato político. Eu estabeleço uma nova relação entre a antropofagia e a megalomania. Super 8 é bitola estreita, mas já é megalomania no nome: 'Super'. E o número 8, delatado, é a projeção do infinito, de um astral mágico. Tem um pleno conhecimento dos movimentos deflagradores da cultura brasileira: do Modernismo, em 1922, ao manifesto antropofágico de Oswald de Andrade em 1928, chegando ao Cinema Novo, ao Tropicalismo e agora ao megalomaniaco neo-cinema novíssimo que está emergindo neste 1978".

Os debates esquentaram demais, prosseguindo até duas horas da madrugada, quando as questões se tornaram translúcidas. Houve apenas uma tentativa isolada de um boçal que ousou citar Antônio Gramsci e acusou de facista esse novo movimento. Afastado esse mau fluido, afastada a tentativa de repressão, a conversa retomou o seu adágio libertário. O debate virou realmente um combate: de um lado, Zé Celso, o velho antropófago de "O Rei da Vela"; de outro, os novos antropólogos, Marcos Sérgio e Virgílio. Resta esperar que esse clima altamente salutar prossiga com a exibição de "25" (Vinte e Cinco), filme que encerrará esta Jornada que realmente deu a volta por cima, substituindo o pavor pela alegria.

Artes/Crítica



Desenho de Simone-Marie no "Jasmin".



Deste teor os desenhos geométricos de Giselda Leirner no "Global".

Artistas sensíveis em novas dimensões

IVO ZANINI

Continua a sucessão de exposições na cidade. Três delas, entre outras, merecem os apontamentos que se seguem, já que envolvem artistas sensíveis em busca de novas dimensões: as desenhistas Giselda Leirner e Simone-Marie e o pintor Helenos. Em seus trabalhos vamos encontrar aspectos positivos ou não, prevalecendo de qualquer forma a preocupação maior de acertar (ou criar), que não pode deixar de ser levada em conta, mesmo que eventualmente não tenham a concordância de todos. GISELDA LEIRNER

Artista que não se modifica, estagna; e aquele que está sempre alterando seu comportamento de trabalho, perde-se.

E muito comum esse comentário na área das artes. Mas ambas as situações podem perfeitamente ficar caracterizadas e nem por isso os seus autores entram na perigosa faixa do descrédito, ainda que momentâneo.

Obvio o absoluto direito do artista, seja lá que ramo exercer, de permanecer, transformar ou radicalizar a sua atividade. A ditadura na arte ainda não vigora, salve! E muito menos o julgamento mofado de cada cabeça uma sentença para forçar o artista a tomar uma direção imposta.

Tal colocação serve para justificar ou confirmar minha estranheza ou surpresa diante da obra agora geométrica que Giselda apresenta na "Global". Não deixa de surpreender a sua decisão de abandonar o traço sensível de um desenho cercado das melhores virtudes criativas por traços frios, sob medida. Na base do branco e vermelho.

Mas ninguém quer obstar-lhe a trilha que escolheu, pelo menos de momento, com absoluta convicção. Talvez seja apenas repouso merecido, uma "pausa" em seu trabalho, como ela afirma no catálogo. Uma incursão provisória pelas linhas retas

do geométrismo, que de resto é dos mais exigentes. Poderá até aprimorar-se na técnica que fez de Charoux, Flaminghi, Hércules Barsotti, Judith Lauand, Luis Sacilotto, Geraldo de Barros e tantos outros, entre nós, verdadeiros expoentes do construtivismo. Mas será a exceção da regra.

Em duas palavras, que a "pausa" que respeitamos não vá além dela própria. Porque o desenho de Giselda, aquele realmente construtivo, é outro.

SIMONE-MARIE
Desenhista sensível. Em poucos traços consegue transmitir o seu recado de arte. Minuciosa nos pormenores, Simone-Marie coloca no papel a carga bem definida das criaturas que vai criando, em que a realidade e a fantasia se juntam e se complementam.

—A artista, holandesa de origem e há alguns anos entre nós, já tendo dedicado bom tempo à cenografia teatral, lida com desenho e pintura há coisa de dez anos. Mas parece que só agora deslancha e, a consideração a prévia na "Jasmin", atingirá resultados mais auspiciosos nos trabalhos que dá sequência atualmente. Se persistir no caminho aberto.

HELENOS
O que mais fica consignado em sua produção exposta na "Documenta" é a matéria rarefeita que aplica na maioria dos quadros expostos.

Helenos é um descrevedor de situações grotescas, com base na realidade, sem dúvida, mas que resultam em composições de cunho poético. Os seus personagens ou figurantes têm aquele exagero contrastante a exigir um olhar atento para acompanhar as desproporções de cabeças, braços e pernas das demais partes do corpo. Com tal colocação ele por certo pretende dar uma panorâmica da própria vida em si, repleta de contradições. A sua obra atual está bem. Mas o que apresentou há dois anos me pareceu melhor.

O V ENCONTRO SINFÔNICO DA PRIMAVERA FOI ANTECIPADO.

EXCEPCIONALMENTE, SÁBADO E DOMINGO. AS ASSINATURAS PARA SEGUNDA-FEIRA VALEM PARA DOMINGO. sábado, 16, e domingo, 17, às 21:00 horas

ORQUESTRA SINFÔNICA DO ESTADO DE SÃO PAULO
diretor artístico: Eleazar de Carvalho

STRAUSS - D. Juan
STRAUSS - Burleske
em Ré Menor para Piano e Orquestra solista: Alexander Jenner
SCHUBERT - Sinfonia nº 5 em Si Bemol Maior regente: Volker Wangerheim



TEATRO CULTURA ARTÍSTICA - Rua Nestor Pestana, 246. Ingressos avulsos: sábado, Cr\$ 15,00; domingo, Cr\$ 40,00 - à venda na bilheteria do teatro, das 13 às 17 horas.

SECRETARIA DA CULTURA, CIENCIA E TECNOLOGIA. Governo do Estado de São Paulo Desenvolvimento para Todos.